

# A experiência da esperança: um “golpe na alma” da intelectualidade brasileira pós-1964\*

Dimas Brasileiro Veras

Francisco Aristides de Oliveira Santos Filho

CORTEZ, Marcius. *O golpe na alma*. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008. 96 p.

“Onde está o professor Paulo Freire? Em Genebra ou na Guiné-Bissau? Nas ilhas greco-socráticas ou na ilha do Maruim? O que restou? O que restou? O que restou de nossos círculos de cultura?” (7’51” – Britto, 2002, p. 172). Assim encontramos preso, na “Casa Grande de Detenção da Cultura”, o *Palhaço degolado* de Jomard Muniz de Britto (audiovisual produzido em 1976/1977 em Pernambuco). O solilóquio é recheado de momentos de carnavalização e chistes com as engrenagens discursivas legitimadoras da “Cultura Brasileira”, mas termina em clima de angústia e solidão (“Até quando? Até quando? A saída? ATÉ QUANDO?” – 8’50”). A tristeza emerge justamente quando o palhaço percebe estar vivendo numa realidade completamente diferente da experimentada pelos movimentos sociais e culturais dos anos que antecederam o golpe militar no Brasil (1950-1960). É a memória que persiste ao esquecimento compulsório, imposto por um estado de exceção.

Por que o *Palhaço degolado* invoca Freire? Além do trocadilho chistoso entre Freyre (sociólogo – tradicionalista ao seu modo – alvo das ironias do palhaço) e Freire (educador – radical ao seu modo – evocado pelo palhaço), o palhaço quer evocar o papel desempenhado por Paulo Freire no *campo de produção cultural e intelectual* (Bourdieu, 2007) da cidade do Recife no início da segunda metade do século 20. Este, além de ter sido um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular, idealizou e fundou, com o reitor João Alfredo, o Serviço de Extensão Cultural (SEC), da Universidade do Recife, do qual Jomard Muniz de Britto foi integrante. Desde a

\* Trabalho publicado nos anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética, realizado em Fortaleza, em 2009.

criação do SEC em janeiro de 1962 até o afastamento de Freire e sua equipe em 1964, a instituição promoveu inúmeras atividades de extensão: palestras, encontros estudantis, diálogo com outras universidades, a criação da Rádio Universidade e da revista de cultura *Estudos Universitários*. No entanto, o foco do SEC era o sistema de alfabetização de jovens e adultos que terminou conhecido como Método Paulo Freire de Alfabetização e uma nova concepção de educação conhecida como Sistema Paulo Freire de Educação. O Sistema tomou proporção nacional quando, em 1963, o então ministro da Educação, Paulo de Tarso, convidou Paulo Freire para desenvolver o Plano Nacional de Alfabetização (Rosas, 2003; Cortez, 2008; Veras, Guedes, 2012; Veras, 2012, 2013). Nesse sentido, o lamento do palhaço evoca a experiência de esperança vivida nos círculos de cultura e todas as outras atividades do SEC da antiga Universidade do Recife (atual UFPE).

A construção deste trabalho é fruto da leitura e da discussão do livro *O golpe na alma*, que relata as vivências de Marcius Cortez (na época com 17 anos), como membro mais jovem do SEC, e a dificuldade de viver exilado em São Paulo nos anos de ditadura militar. É antes de tudo um livro de memórias apontado para o futuro – por isso não é memorialista: “Paramos no tempo porque nos conservamos os mesmos diante do nosso passado” (Cortez, 2008, p. 12) – e traz em seu bojo o mal-estar e o desejo de superação por parte de uma geração de intelectuais condenada a anos de cerceamento dos direitos políticos, sociais e civis:

Faço um relato sobre um tempo do qual sou testemunha, um tempo que guarda em si uma fidelidade inexorável, a de que durante todos os momentos em que ele aconteceu e que vem acontecendo ao longo dos anos, a fome social do povo permanece viva em proporções alarmantes. Volto para ver as minhas sombras que projetadas no chão me servem como guia, mas é para o futuro onde dirijo o meu foco, é para o futuro que aponto minha arma. (Cortez, 2008, p. 12).

O relato se faz importante no que diz da história do SEC e dos movimentos de cultura e educação popular devido à tentativa de produção de esquecimento, operada pelos militares, que destruiu quase toda documentação da instituição:

Uma das principais coisas que o Exército fez foi invadir a sede do Serviço de Extensão Cultural (SEC) de Paulo Freire na Universidade do Recife e confiscar todos os materiais que estavam sendo usados no programa de alfabetização. (Page, 1972, p. 248).

Afirma Cortez:

Documentos, filmes, retratos ou outros registros desse tempo são exíguos porque logo após o golpe de 64, o prédio do SEC foi ocupado por forças militares que sumiram com tudo que havia ali. Arquivos e fichários inteiros desapareceram. (Minha irmã viu na televisão parte desse material enquanto um locutor em *off*, ensandecido, dizia que aquilo era altamente subversivo). (Cortez, 2008, p.13).

Para entender *O golpe na alma* em sua complexidade, percorrer a historiografia tornou-se uma necessidade. Em estudos sobre a intelectualidade brasileira, Daniel Pécaut (1990) mostrou-nos como a palavra de ordem da geração de intelectuais, do fim do Estado Novo à ditadura, era conscientização e participação popular. É dentro desse contexto que Marcius Cortez narra as vivências de um coletivo mergulhado

em sua época, fazendo da cultura “ato de coragem, uma busca de aproximação com a realidade [...], aceitação pelo homem dos desafios que lhe endereça a existência [...]” (Lima, 1962, p. 5). O debate proposto por Pécaut é extremamente pertinente (ainda que o trabalho esteja centrado no Rio de Janeiro e São Paulo), na medida em que percebe as movimentações de várias redes de sociabilidades letradas entre os anos 1930 e 1960, buscando traçar e legitimar seu espaço político no Estado brasileiro. É o constatar de uma multiplicidade de práticas político-culturais que permite ao autor perceber uma cultura política que ele chama de “nacional-popular” nos anos 1955-1964 (Pécaut, 1990, p. 185).

O historiador Flávio Weinstein Teixeira (2007) analisa essas transformações do campo cultural/intelectual da cidade do Recife (entre 1946 e 1964) a partir do Teatro dos Estudantes de Pernambuco e do coletivo de impressores conhecidos como O Gráfico Amador. Estavam estes grupos mais preocupados com a produção cultural e artística, mas muitos de seus integrantes foram importantes colaboradores do SEC. No Recife, os intelectuais debruçados na conscientização por meio da educação e da cultura estavam circulando principalmente em torno da Ação Católica (e do Movimento de Educação de Base), do SEC e do Movimento de Cultura Popular (MCP). Segundo Venício Arthur de Lima, para entender a atuação de Paulo Freire em ambos os movimentos é inevitável passar por duas importantes forças ideológicas da época: o nacionalismo – sobretudo o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) – e o catolicismo radical – principalmente a Ação Católica (AC) e a Juventude Universitária Católica (JUC). Como uma instituição de proporção nacional, o Iseb estava mais atento para a produção de ideologias e para a economia-política, enquanto o SEC fazia de seu escopo a cultura e a educação popular. O Iseb mostrou para Freire não só a importância de pensar o Brasil a partir do próprio Brasil como também forneceu a base teórica e léxica para os debates intelectuais da época. Por outro lado, a JUC, seguindo as orientações de um dos futuros coordenadores do SEC, o padre Almerly Bezerra, passou a atuar de maneira mais incisiva no cenário político nacional, notabilizando-se a JUC de Pernambuco ao propor que a JUC tomasse em âmbito nacional um *ideal histórico*. Esse conceito, no início dos anos sessenta, transitaria para o de *consciência histórica*: o homem e a cultura como frutos da história assumem uma dimensão transitiva e dinâmica, ou seja, o homem torna-se agente transformador da realidade. A sede da JUC no Recife era um espaço de vivência constantemente frequentado por grupos progressistas da Universidade do Recife, afinal, estavam ambas situadas no bairro da Boa Vista (Veras, 2012).

Mesmo com toda influência do Iseb e da JUC, o SEC gozava de autonomia intelectual. Havia uma particularidade em seus colaboradores que foi chamada por Vamireh Chacon (1963) e outros de “heterodoxia”:

Na época, começo da década dos sessenta, circulava um termo interessante, heterodoxia. E era isso mesmo, como havia muito trabalho, preferimos arregaçar as mangas, ao invés de ficarmos construindo uma cartilha sectária, amarrada a qualquer viseira bitoladora. (Cortez, 2008, p. 13).

Como já vimos, *consciência* é um conceito fundamental para entender o coletivo do qual Cortez participava. Tornar os indivíduos força de interferência

coletiva era o ponto central das atividades realizadas pelos intelectuais e artistas nesse período. Revelando a historicidade da cultura e do homem, este perderia sua passividade no mundo e no modo como o interpreta. Assim, o homem assumiria uma *transitividade crítica*: possibilidade de se transformar e de transformar o mundo: “a fim de contrabalançar a indigência e o marginalismo da massa: seria um modo de fortalecê-la para um contato devastador com a demagogia eleitoral [...]” (Schwarz, 1978, p. 285). O livro *Contradições do homem brasileiro*, de Jomard Muniz de Britto, publicado pouco antes da perseguição aos integrantes do SEC, apresenta-nos um perfil da época que repensa o papel do homem na sociedade:

No mundo em comunicação com os outros, existe algo dado, apresentado, um “mundo feito”, mas igualmente um mundo por fazer, previsto, antecipado. Nesta segunda acepção, que inclui a obra especificamente humana, as criações do homem, o significado do mundo se reveste de historicidade, ele próprio é história, horizonte de possibilidades humanas. (Britto, 1964, p. 15).

Marcelo Ridenti (2005, p. 84) também levanta uma hipótese que converge com nossa percepção em torno da temática proposta: “o florescimento cultural e político dos anos de 1960 e início dos de 1970 na sociedade brasileira pode ser caracterizado como romântico-revolucionário. Valorizava-se acima de tudo a vontade de transformação”. Nesse sentido, a cultura e a educação popular seriam os meios de organização e mobilização, dentro dos círculos, praças e centros de cultura, para a “transição”. Espaços de sociabilidade e trocas intensas de informação, recreação e circulação de material educativo nos bairros distantes e periferias das regiões em processo de formação crítica. Teatro, rádio, cinema, música, literatura e outras manifestações culturais – desde que transformados de “fatores” técnico-materiais em “valores” técnico-reflexivos para democratização da cultura (Britto, 1963, p. 68) –, seriam feitos pelo povo e com o povo. Politizando e conscientizando vários grupos sociais, o objetivo era fazer da prática cultural um veículo de “comunicação das consciências” (Ação Popular, 1983, p. 18) e humanização coletiva (Fávero, 1983, p. 9).

O clima de esperança ganhava cada vez mais contorno. Transformar a realidade por meio da educação e da cultura (a educação como mediadora entre cultura e revolução) aparecia, para essa geração, como uma possibilidade viável e concreta, pois o trabalho dava-se pelo viés da conscientização, o que poderia “acelerar a velocidade com que se transformam os suportes materiais da sociedade” (Estevam, 1983, p. 34-35). O objetivo final seria o movimento ascensional das massas, não obstante, guiadas pelos intelectuais (“o fato de reivindicarem o domínio do devir social resulta mais do espírito do Iluminismo do que da vontade de se ter uma ditadura ‘boa’” – Pécaut, 1990, p. 186) em direção à conquista do poder na sociedade de classes (Estevam, 1983, p. 39). É este aspecto que separa as práticas do SEC e de outros grupos da época, como o MCP:

Divergíamos quanto a concepção do intelectual. Para o MCP, assim como para o CPC da UNE, o intelectual era tido como guia das massas. Embora essa concepção seja entre nós tão velha quanto o Positivismo do século 19, sem dúvida sua base era a política cultural stalinista. (...) Como eu tinha aprendido, por meus anos na Espanha franquista, o que significava o dirigismo cultural e como pouco se distinguia

do fascismo, participei de uma linha de resistência ao dirigismo oba-oba tanto do MCP, quanto do CPC da UNE. (Lima, 2007, p. 44).

A faceta instrumental da cultura popular nos faz pensar sobre os apontamentos de Pécaut (1990, p. 187) em relação aos anseios dessa geração em implementar um saber-poder: “fazendo de si os portadores da verdadeira consciência, a consciência crítica, os intelectuais tomam o lugar que comumente cabe a um líder populista”.

Ao abordar a geração que circulou em torno do SEC e seu diretor, Cortez mostra-nos que o Sistema Paulo Freire e as experiências de educação e cultura popular que permitiram sua criação precisam ser abordados com mais atenção. Há toda uma complexidade nos círculos de cultura e na desierarquização da atividade educacional proposta pelo pedagogo, impulsionando a experiência para além de um “espírito do Iluminismo” (Cortez, 2008). O caso do SEC talvez precise ser pensado como movimento inserido numa episteme pós-moderna. Jarbas Maciel, em artigo publicado na revista *Estudos Universitários*, mostra-nos como essa geração viu surgir, juntamente com o Método Paulo Freire de alfabetização de adultos, o Sistema Paulo Freire de Educação, fruto das experiências colocadas em prática pelo SEC e por uma Universidade que se queria popular (Maciel, 1963; Fürter, 1962). A sociedade, para Paulo Freire, estava em trânsito devido às experiências sucessivas que possibilitam a ativação do povo no campo educacional e cultural. Daí a necessidade de se passar por uma “democratização fundamental”, crescente e irreversível, visando à melhoria da sociedade por meio da presença sólida do povo, outrora ausente, supostamente alienado da realidade devido a uma “intransitividade” ou a uma “transitividade ingênua” (Freire, 1963). A esperança estava na formação urgente da *transitividade crítica*: possibilitando um sujeito sensível (porque compreende) e comprometido (porque necessita) com sua história “mediante uma educação dialogal e ativa” (Freire, 2007, p. 110). Esta permitiria ao indivíduo questionar seus problemas fundamentais e resolvê-los com autonomia. Para o crítico Roberto Schwarz, o Brasil estava “irreconhecivelmente inteligente”, temperado de metas e realização dos sonhos trazidos pelo vento pré-revolucionário que lotava os jornais e mídias de “mudanças” sociais como reforma agrária, agitação camponesa, anti-imperialismo e questionamentos focados na “descompartimentação da consciência nacional”.

Não é apenas a memória de Cortez e os livros que revelam fios e rastros das intensas vivências do SEC. A leitura dos jornais da época e da revista de cultura *Estudos Universitários* nos mostra que a Universidade do Recife contagiava a cidade com sua euforia. Evidentemente, Paulo Freire não possuiria fôlego para realizar uma tarefa desse porte sozinho; nesse sentido, pôde sempre contar com sua equipe da Universidade (Cortez, 2008, p. 16). Fazer o povo pensar era uma atitude bastante perigosa num governo como o de João Goulart, conhecido por suas tentativas frustradas de realizar reformas de base e tido na época como esquerdista e herdeiro do varguismo. Estava servido o prato para os militares disporem de inúmeras justificativas (incompetência administrativa, instabilidade política, corrupção, “crescimento” da ameaça comunista, no governo e no meio militar) para legitimar um golpe quase sem resistência (Silva, 2001). O SEC e sua equipe contaram ainda

com a oposição de um importante intelectual e político brasileiro: Gilberto Freyre. Lendo os jornais da época e os depoimentos de Costa Lima e do próprio Cortez, fica clara não só a perseguição política ao coletivo do SEC e ao reitor João Alfredo, desde 1962 até 1964, como também as muitas denúncias de o “antropólogo dos trópicos” ter delatado aos militares Costa Lima e outros integrantes do SEC (Lima, 2007; Cortez, 2008).

A repressão aos grupos de esquerda, intelectuais, movimento estudantil e a prisão de sindicalistas e religiosos marcam o início de uma verdadeira perseguição e cerceamento das práticas que destoam da organização do governo militar. Ainda que escrito a partir do presente, *O golpe na alma* está carregado dos anseios de uma experiência abortada em sua gestação. Paulo Freire aparece como dedicado protagonista do relato. Cortez não só mostra o empenho do grupo do qual fazia parte em garantir elementos básicos da cidadania para o povo brasileiro, como mostra a experiência do horror ao relatar as torturas e censuras que presenciou na época. O autor faz também importante denúncia sobre as relações entre a *Folha de São Paulo*, a Rede Globo e a ditadura militar. Não deixa de rememorar momentos de prazer vividos no Rio de Janeiro ao lado dos colegas do SEC, Glauber Rocha e Jorge Ben (em visita do SEC ao Rio), momentos de solidariedade ao esconder em sua casa Eduardo Coutinho (autor do documentário *Cabra marcado para morrer*, que começou a ser gravado em 1963 e, devido à repressão, foi finalizado apenas em 1984), e de resistência através do riso e da esperança, esperança oriunda do presente de onde se inscreve. Tudo isso faz do livro uma obra mesclada de alegria, dor, amor, esperança, carinho e respeito pelos atores vivos e mortos nessa luta que foram os anos que circulam 1964, cuja violência não abalou o ensinamento que Paulo Freire fazia sua meta fundamental: a esperança, “princípio do qual não abria mão” (Cortez, 2008, p. 15).

A leitura de *O golpe na alma* é uma valiosa oportunidade de repensarmos as noções de cultura e educação popular e as ações de resistência dos movimentos culturais na década de 1960. O texto também fornece elementos para pensarmos as tensões e os medos que povoaram e povoam uma geração de intelectuais reprimida pela institucionalização da violência, da repressão e do medo. Não podemos deixar de reverenciar o relato de Cortez como uma maravilhosa oportunidade de leitura para aquele leitor mais descomprometido e pouco preocupado com pesquisa, pois é o relato da experiência da esperança, de que todo cidadão brasileiro necessita. Diante da recente erradicação do analfabetismo na Bolívia, por meio do método cubano “Yo, si puedo” (Eu posso, sim) com duração de seis meses,<sup>1</sup> as perguntas do *Palhaço degolado* ao referir-se a Freire mostram-se extremamente atuais. Com palavras de esperança, Cortez nos faz acreditar que, mesmo com todas as tentativas de imobilização do corpo e da alma brasileira, devemos cultivar a “semente” freiriana: plantada com suor e sangue pela “poeticidade pedagogicamente revolucionária em luta pela transfiguração da cidadania no prazer da felicidadania” (Britto, 2008).

<sup>1</sup> Notícia publicada no *Jornal Brasil de Fato*, 25-31 dez. 2008, p. 12.

## Referências bibliográficas

---

AÇÃO POPULAR. AP/Cultura popular. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 15-31. [reprodução de documento elaborado em 1963 e distribuído mimeografado como orientação aos militantes].

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Contradições do homem brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

BRITTO, Jomard Muniz de. Educação de adultos e unificação da cultura. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 61-70, abr./jun. 1963.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Atentados poéticos*. Pernambuco: Bagaço, 2002.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Poeticidade em Paulo Freire*. Exposição apresentada no evento Andarilhando com Paulo Freire, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, nos dias 19-20 de setembro de 2008. [folheto].

CHACON, Vamireh. Rumos da renovação brasileira. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 1, p. 51-58, jul./set. 1962.

CHACON, Vamireh. Capitalismo, socialismo e cristianismo. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 3, p. 5-14, jan./mar. 1963.

CORTEZ, Marcius. *O golpe na alma*. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008.

ESTEVAM, Carlos. A questão da cultura popular. In: FÁVERO, Osmar (Org.). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 33-47.

ESTUDOS Universitários: índice v. 1-25 (1962-2004). Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/didoc/estudosuniversitarios\\_indices.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/didoc/estudosuniversitarios_indices.pdf)>.

ESTUDOS Universitários: *Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 1, 2, 3, 4, 5, 1962-1963.

FÁVERO, Osmar (Org.). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 5-23, abr./jun. 1963.

FREIRE, Paulo. *Educação com prática da liberdade*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. (Primeira edição: 1967).

FÜRTER, Pierre. A Universidade do Recife quer educar as massas. *Jornal do Comércio*, Recife, 2º caderno, capa, 18 nov. 1962.

LIMA, Luiz Costa. Estudos Universitários: introdução. *Estudos Universitários, Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 1, p. 5-8, jul./set. 1962.

LIMA, Luiz Costa. Entrevista. In: ZAIDAN FILHO, Michel; MACHADO, Otávio Luiz (Orgs). *Movimento estudantil brasileiro e a educação superior*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

LIMA, Venício Artur de. *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MACIEL, Jarbas. Fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de Educação. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, n. 4, p. 25-59, abr./jun. 1963.

PAGE, Joseph A. *A revolução que nunca houve: o nordeste do Brasil 1955-1964*. Rio de Janeiro: Record, 1972.

PALHAÇO degolado [O]. Direção: Jomard Muniz de Britto, Carlos Cordeiro. Fotografia: Carlos Cordeiro. Montagem: Jomard Muniz de Britto, Lima. Letreiros e toques cênicos: Guilherme Coelho. Texto: "Outdoors de recado", de Wilson Araújo de Souza. Recife, PE, 1976-1977. 13 min son. color.

198

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. *Tempo Social: revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 1, p. 81-110, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n1/v17n1a03.pdf>>.

ROSAS, Paulo. *Papéis avulsos sobre Paulo Freire, 1*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política no Brasil: 1964-1969. In: BASUALDO, Carlos (Org.). *Tropicália: uma revolução na cultura brasileira [1967-1972]*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 279-309.

SILVA, Vanderli Maria da. *A construção da política cultural no regime militar: concepções, diretrizes e programas (1974-1978)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo (USP), 2001.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

VERAS, Dimas Brasileiro. *Sociabilidades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.



VERAS, Dimas Brasileiro. Aonde dorme o cão sem plumas: o Recife e a formação do Sistema Paulo Freire de Educação. In: SANTIAGO, Eliete; NETO, José Batista. *Paulo Freire e a educação libertadora: memórias e atualidades*. Recife: Ed. Universtária da UFPE, 2013.

VERAS, Dimas Brasileiro; GUEDES, Rebeca Santos de Amorim. A hora e a vez da Estudos Universitários. *Estudos Universitários: Revista de Cultura*, v. 29, n. 10, p. 23-34, 2012.

---

Dimas Brasileiro Veras, mestre e doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) e pesquisador da Cátedra Paulo Freire da UFPE.

dimasveras@hotmail.com

Francisco Aristides de Oliveira Santos Filho, mestre em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), é professor de Formação Audiovisual na Escola Santo Afonso Rodriguez e de História na Escola Santa Helena e na Faculdade Piauiense (FAP/Maurício de Nassau).